

A MÁQUINA DO TEMPO

AS DESCOBERTAS DO PASSADO SUCEDEM-SE A UM RITMO ALUCINANTE
QUE ANUNCIA UMA DÉCADA DE OURO DA ARQUEOLOGIA.
QUE BEM PRECISA PARA SARAR AS FERIDAS QUE A PENÚRIA TECE

Texto de RUI DE CARVALHO

PORTUGAL parece inundado por uma vaga de descobertas de vestígios antigos de enorme valor. Desde as pégadas fósseis deixadas por répteis jurássicos, que colocam o país na vanguarda da investigação sobre dinossáurios, aos sítios arqueológicos dos mais diversos períodos e que reivindicam a mesma importância, tudo parece surgir em catadupa.

Mas se fixarmos melhor a vista, vemos que fenómeno não é meramente nacional, anunciando-se por todo o mundo que vivemos a década da arqueologia.

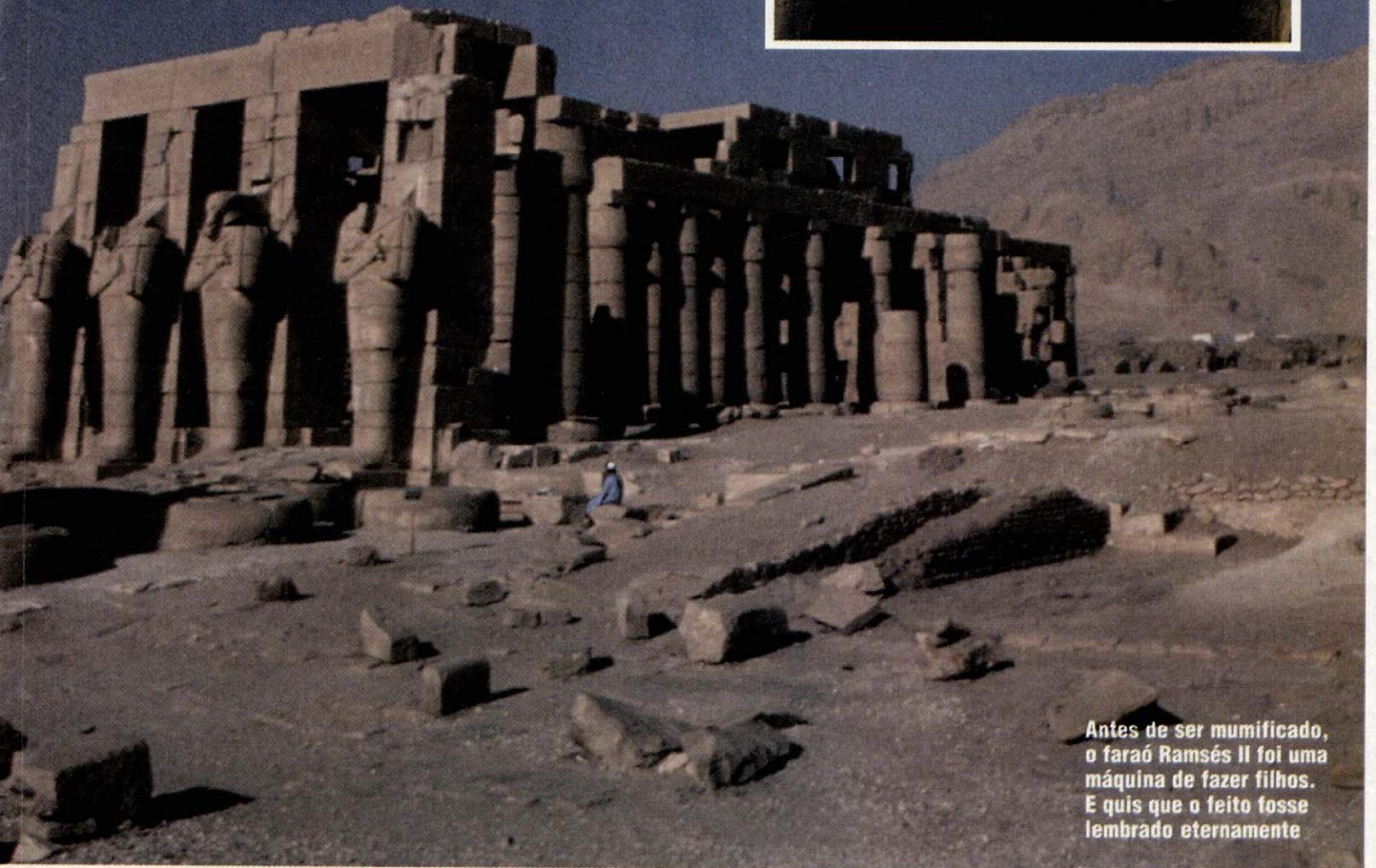
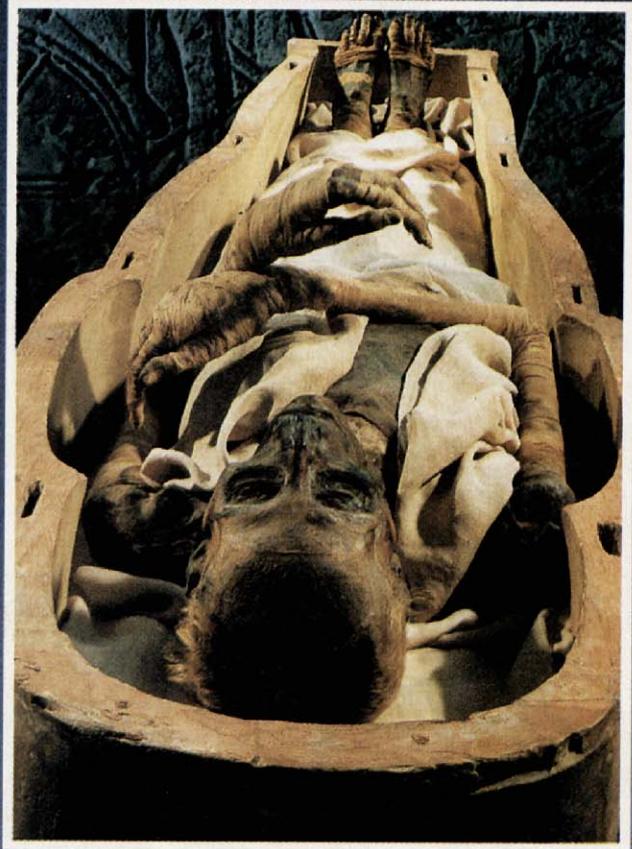
A esta sétima onda da investigação sobre o passado remoto não terá sido alheio o crescimento económico que o planeta viveu nos últimos anos da década de 80. Foi esse bem-estar económico que motivou grande número de novas e ambiciosas construções, sendo hoje as obras públicas o grande motor destas descobertas. O que não as exime de serem impiedosamente atacadas logo de seguida.

Mas a década de ouro da arqueologia começou com uma descoberta que nada teve a ver com obras públicas. Foi o espírito aventureiro de um casal de alpinistas que o levou ao encontro da «Múmia das Neves» — o mais célebre cadáver da actualidade, apesar dos seus magros 14 quilos. Qualquer de nós não pesaria muito mais que isso se toda a água do corpo lhe fosse extirpada. O fenómeno denomina-se liofilização — não nos perguntem porquê, já que o radical grego tem significado inverso — e foi o que aconteceu à célebre múmia dos Alpes que os austríacos baptizaram Ötzi. Velho de mais de 5 mil anos, este nosso antepassado que se deixou

apanhar pela liofilização dos cumes gelados, não deixa que a magreza o impeça de nos facultar mais conhecimento sobre o nosso passado que qualquer outro achado arqueológico recente.

Quase já só lhe resta confessar o seu nome de baptismo depois do aturado exame a que foi submetido. Em quase quatro anos, o corpo foi examinado, radiografado, palpado, analisado, os seus genes parcialmente decifrados, as suas vestes datadas, os seus utensílios vasculhados, os cabelos submetidos a espectrometria, as poeiras e pólenes que continha caracterizadas... só não foi feita nenhuma análise invasiva. O que quer dizer que ninguém sabe o que contém o ânus da múmia ou, por análise directa, qualquer órgão interno. A notícia de que conteria esperma, logo o alpinista pré-histórico seria homossexual, deriva de uma disfunção mental provavelmente equiparável à da rapariga que se propôs ser inseminada com o esperma da múmia: anseios sexuais recalcados e geneticamente acumulados desde o neolítico.

Mas mesmo sem exames destrutivos, as equipas de pelo menos 60 universidades de todo o mundo que há quatro anos se debruçam sobre este inestimável achado, já sabem quase tudo sobre a vida do homem que sucumbiu numa tempestade de neve do Ötztal há 5.300 anos. Vamos deixar o leitor na expectativa até ao próximo «congresso da múmia», em Setembro, altura em que prometemos dar-lhe conta de todos estes estudos. Por agora, recomendamos a leitura da recém-editada versão inglesa (para quem não se sente à vontade no alemão) do *Der Mann im Eis*, de Konrad Spindler, o arqueólogo tirolês que coordena todas as equipas de investigadores. ►



Antes de ser mumificado,
o faraó Ramsés II foi uma
máquina de fazer filhos.
E quis que o feito fosse
lembrado eternamente

O arauto da década foi a múmia da idade do cobre conservada nos gelos dos Alpes. Mas a gruta de Montejuento também promete revelações



► Trata-se de um verdadeiro «romance do Neolítico» que se lê com sofreguidão.

DECIFRAR O PASSADO

SE NESTE momento iniciamos um texto com uma referência a Ötzi, é porque o consideramos a mais importante descoberta arqueológica desta década. Um período que, a julgar pela primeira metade, parece anunciar um fim de século agitado para a arqueologia. As grandes descobertas sucedem-se a um ritmo que impede o simples amador de conseguir tomar contacto com tudo o que vai sendo revelado. Para o profissional será certamente ainda mais difícil, o que pode justificar alguns comportamentos anómalos a que vimos assistindo.

As descobertas importantes, e os trabalhos que os especialistas desenvolvem em torno delas — os que decidem preterir as praças públicas e preferem acampar nos sítios arqueológicos, bem entendido —, permitem hoje acumular tamanho conhecimento sobre o passado das civilizações humanas que a arqueologia se transforma numa verdadeira máquina do tempo. Permitindo ao homem moderno reconstruir com uma precisão quase infalível a vida dos seus antepassados mais remotos. E os êxitos são tantos que a decifração do passado praticamente substitui hoje a do futuro. Daí que muita ficção baseada na vida dos homens pré-históricos comece a suplantar a procura da ficção científica — ou futurista, como muitos preferem designá-la. Pós-histórica seria um termo bem integrado na gíria deste final de século.

De tal forma que regiões outrora ricas mas que se julgavam esgotadas na perspectiva das grandes descobertas voltam a fascinar tanto os historiadores do passado remoto como o leigo. Quem pode resistir à palpitação provocada por uma pirâmide desconhecida que emerge das areias do deserto, ou por um túmulo faraónico que desponta de um amontoado de detritos? Mesmo que já se conheça quase uma centena de pirâmides e seis dezenas de túmulos de soberanos do vale do Nilo? Desde que um ou outro prometam notícias frescas dessa gente longínqua que nos fascina por ter alcançado com meios rudimentares aquilo que sabemos ser hoje incapazes, mesmo com recursos com que eles nunca sonharam: perpetuar a nossa passagem para que os vindouros saibam. Pois se nem somos capazes de garantir que não vamos inutilizar o planeta... Perpetuamos a nossa acção, certamente, mas haverá alguém para ver?

DINHEIRO E BOM SENSO

PORÉM, distinguem-se duas curiosidades neste crescendo de revelações arqueológicas que estão a marcar a derradeira década do milénio. Por um lado, esperava-se que o advento da detecção remota, a exploração da Terra a partir do espaço, viesse revelar um sem número de sítios arqueológicos que a observação próxima não distinguiria. Muitos foram revelados, é certo. Desde os que se escondem sob as areias dos desertos do Médio Oriente, aos que a floresta tropical da América Central camuflou. Mas os resultados de duas décadas de exploração das imagens de satélites só nos conduzem a uma conclusão: a arqueologia continua a não dispensar o trabalho de sapa, ou seja, o calcorrear cansativo de montes e vales, seguido do trabalho inóspito nas bancadas de classificação de artefactos. Uma constatação que também ajuda a compreender os comportamentos a que fizemos referência. Definitivamente, a arqueologia não é uma ocupação cómoda. Fascinante, sem dúvida, mas que se faz pagar com suor e articulações doridas.



JORGE SIMÃO



FREDERIC NEEMA/SYGMA/ADS

A outra curiosidade é o facto de grande número das mais importantes descobertas realizadas nos últimos anos terem derivado da necessidade de projectar e executar obras públicas. E quanto mais importante a obra se revela para a comunidade, maior a relevância dos achados que ocorrem na sua área de influência. Será fruto de qualquer destino fatídico dos povos que buscam o progresso? Quanto mais pretendermos garantir o futuro, menos poderemos assegurar a perpetuação do passado? Talvez não se trate de nenhuma má fortuna humana. Talvez resulte do simples facto de que quanto mais importante a obra for, mais o seu orçamento permite a avaliação prévia dos impactos. Fatídica é a sequência dos acontecimentos. O empreendimento é então inapelavelmente atacado por pretender destruir (?) o achado que proporcinau.

As pégadas de dinossáurio de Carenque foram identificadas pelo esforço de jovens que realizavam o seu trabalho de fim de curso. Mas quem se lembraria de chamar a atenção para a sua importância se os projectistas da CREL não tivessem inquirido sobre o que a sua estrada iria afectar? Quem conheceria os extraordinários trilhos de pégadas de saurópodes — os tais dinossáurios «bonzinhos» de Spielberg — se a construção do IP6 não tivesse acelerado a exploração da pedreira do Galinha, perto de Torres Novas?

A preservação da primeira ocorrência foi apenas uma questão de dinheiro. A preservação da segunda é uma questão daquele... e de bom senso. Bom senso do concessionário, cujo enriquecimento súbito não pode encontrar justificação no simples facto de ter sido autorizado a explorar um bem que pertence a todos nós — a pedra. E algum dinheiro que as entidades públicas

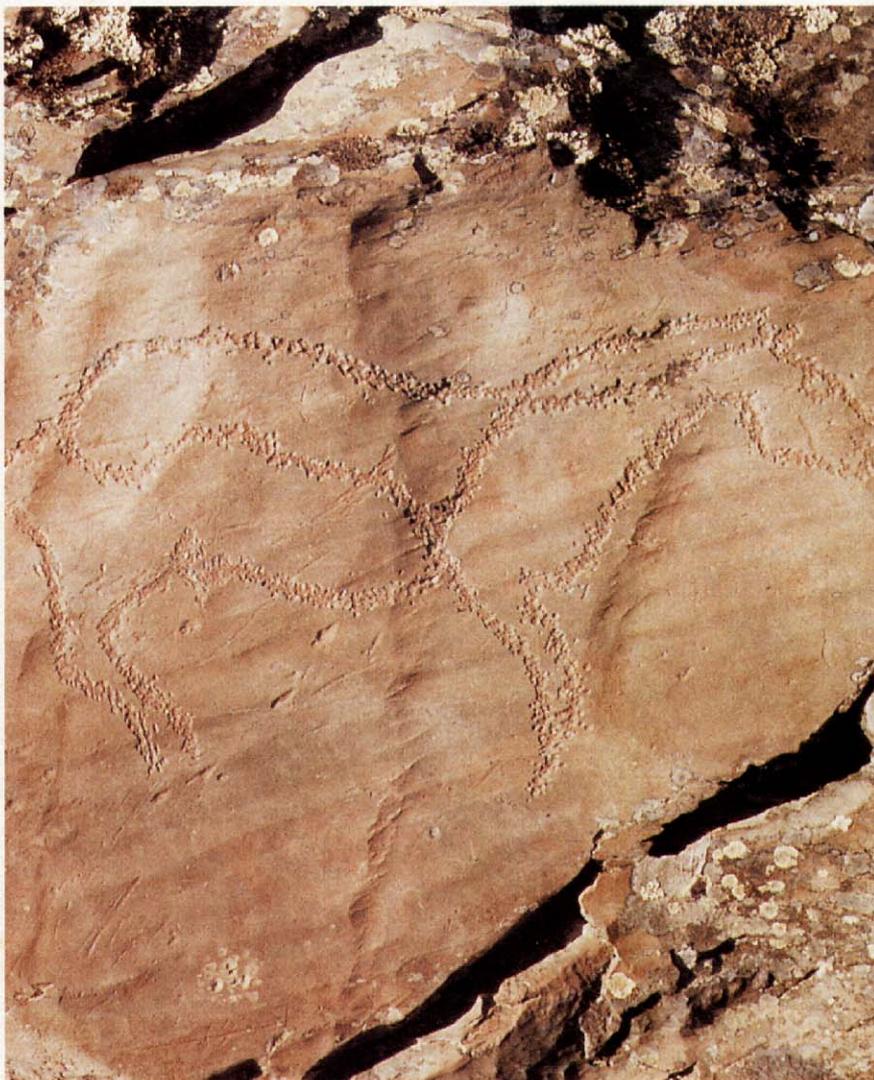
devem disponibilizar para compensar a deslocação dos equipamentos para a colina adjacente.

OS FILHOS DO FARAÓ

O PROMISSOR túmulo dos filhos do Faraó Ramsés II, cuja descoberta foi feita no ano passado mas só agora divulgada, é outro exemplo típico. As promessas desta descoberta realizada no chamado Vale dos Reis são enormes, já que o soberano egípcio não era nenhum amador a fazer filhos — mais de cem, gabou-se ele; 160 dizem alguns estudiosos. E decidiu construir um mausoléu para os sepultar, pensam os arqueólogos. Uma construção imensa que o professor Weeks da Universidade Americana do Cairo só descobriu porque as autoridades decidiram construir no local um parque de estacionamento. Preocupado com a eventualidade de poder ser destruída alguma coisa importante, a equipa de Weeks resolveu estudar melhor uma área que já se encontrava sobejamente espolhada desde há séculos. O resultado foi talvez a maior façanha da egiptologia desde que Carter deparou com o tesouro de Tutankamon.

Noutra região, cerca de cem quilómetros a sul do Cairo, estavam em curso os estudos prévios para a implantação de uma nova estrada e uns quantos projectos industriais. Razão mais que suficiente para que fossem financiados os trabalhos de uma equipa de arqueólogos franceses chefiada por Audran La Brousse. Começou por descobrir num templo funerário uma estela que fazia referência a uma tal rainha Meritites, até agora desconhecida. Não tardou a ser descoberta a 97ª pirâmide egípcia, ainda semi-enterrada nas areias ►

No Egipto, foram também as obras públicas que financiaram a descoberta de uma nova pirâmide e do maior templo funerário conhecido



Sendo gente avisada, espanhóis e franceses fizeram primeiro as obras hidráulicas. Siega Verde e Combe d'Arc não alimentam a política

► mas com uma altura calculada em 50 metros, que serviu de sepulcro à rainha.

Na região de Ardèche, no sul da França, as autoridades regionais decidiram actualizar o seu plano de ordenamento do território. Uma excelente ocasião para financiar os trabalhos de prospecção que os arqueólogos só podem realizar com grande esforço e lentidão quando não há obras públicas a justificar a atribuição de fundos mais substanciais. O resultado deste incentivo foi a descoberta em Dezembro da gruta de Chauvet, que contém as mais antigas — e provavelmente as mais belas — pinturas rupestres conhecidas. As datações realizadas pelo carbono 14 sobre oito amostras das cerca de trezentas figuras de animais pré-históricos levaram o ponteiro do relógio atómico a marcar cerca de 30 mil anos. Muito mais do que a idade inicialmente atribuída às pinturas que ornamentam a rede de galerias de salas subterrâneas com 170 metros de comprimento.

A BARRAGEM DA DISCÓRDIA

UMA DESCOBERTA que, segundo o comunicado então divulgado pelo Ministério da Cultura Francês «**subverte as noções aceites até agora acerca do aparecimento da arte e do seu desenvolvimento e demonstram que o homem adquiriu muito cedo o domínio do desenho**». Apesar do imenso valor artístico destas gravuras, a sua preservação impõe que nunca possam ser visitáveis pelo público. Uma decisão que, em França, não originou qualquer protesto folclórico.

Foi ainda um projecto de estância balnear a construir na zona de Qalaat, no Bahrain, que propiciou a descoberta de vinte placas de argila, perfeitamente preservadas, contendo inscrições com caracteres cuneiformes em acádio, a língua mais utilizada no Médio Oriente durante o segundo milénio antes de Cristo. A importância destas placas é tal que o arqueólogo Pierre Lombard admite poder decifrar com elas a história da misteriosa civilização Dilmune, que se desenvolveu há cinco mil anos no território do actual Bahrain e apenas se conhece sob o signo da imortalidade: «**Uma região sagrada onde o corvo não grasna, o leão não mata e o lobo não ataca o cordeiro**», como reza a lenda de Gilgameche, descrita num fresco babilónico do terceiro milénio antes de Cristo.

Entre nós, as mais importantes descobertas recentes são certamente a gruta funerária de Montejunto e o conjunto de gravuras, atribuídas ao paleolítico, no vale do Côa. A primeira deveu-se à temeridade de um grupo de excelentes jovens espeleólogos de Torres Vedras. A segunda, mais uma vez a uma obra pública de grande envergadura e, por isso, com um orçamento em que as despesas com estudos de impacto não têm qualquer significado. Daí que, apenas até à revelação do achado — no final do Verão passado, e não em Dezembro como é voz corrente — tenha sido possível gastar mais de 200 mil contos nos estudos, facto inédito na arqueologia portuguesa.

A comunidade não pode dispensar a obra, mas a enorme importância académica — e não outra — do achado fez surgir uma polémica que a avidez política se arrisca a transformar num desastre nacional. Se o país não for invadido por uma onda de bom senso, ficamos sem barragem e sem gravuras. O jovem arqueólogo Rebanda viu o seu esforçado trabalho arrastado na onda de inveja pelo prestígio que a descoberta lhe daria. Apenas queria fazer uma tese, fez simplesmente o que qualquer dos seus críticos teria feito, e a única greve de fome que realizou foi a dos almoços falhados para fugir à cansa de preparar as encostas do Côa. ■